



Compreendendo o grafismo infantil a partir da experimentação de materiais – um estudo de caso

Shayda Cazaubon Peres¹

shay.cazaubon@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Maristani Polidori Zamperetti²

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Resumo: Através desse artigo busco fazer um relato pessoal de uma atividade que foi proposta pela disciplina de Artes Visuais na Educação I, do curso de Artes Visuais Licenciatura, da UFPEL. O objetivo deste trabalho é a descrição de atividades artísticas propostas para duas crianças de diferentes idades. Paralelo a isso, foi utilizado o auxílio de teóricos para entender melhor as reações e características de cada fase, e também para analisar os resultados obtidos nas produções artísticas de cada criança.

Palavras-chave: Atividades artísticas; experimentação de materiais; grafismo infantil.

Introdução

O objetivo deste trabalho é compreender o grafismo infantil a partir de um estudo de caso que envolve a descrição, análise e reflexão sobre atividades artísticas desenvolvidas por duas crianças de diferentes idades. Para isso foi realizada uma pesquisa de campo com coleta de desenhos e pinturas realizadas pelas crianças, a partir de uma proposta idealizada pela autora, baseada em fundamentação teórica estudada. Com o aporte teórico de Derdyk (2010) e Lavelberg (2008), busco subsídios para entender as motivações infantis e características de cada fase, analisando os resultados obtidos nas produções artísticas.

¹ Graduação em andamento em Artes Visuais Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Brasil.

² Doutora e Mestre em Educação (PPGE/FaE/UFPEL). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FaE/UFPEL), Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Ensino, Processos e Práticas Educativas. Professora do Curso de Pós-Graduação em Artes Especialização Lato Sensu Artes, Terminalidades: Patrimônio Cultural, Ensino e Percursos Poéticos. Professora Adjunta no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, RS, onde ministra disciplinas na área de Fundamentos da Educação em Artes Visuais. Coordenadora do Subprojeto Artes Visuais do Pibid/UFPEL – 2014.



Desenvolvimento

Foi realizado um projeto de ensino composto por atividades práticas como o desenho e a pintura, as quais foram realizadas por duas crianças de quatro e dez anos. Utilizou-se recursos e ferramentas como: lápis grafite, borracha, tesoura, lápis de cor, caneta hidrocor, pincéis, cola com glitter, tinta guache, massa de modelar, folhas de papéis, pena de ganso e escova de dente.

A primeira atividade foi realizada com a Lara, quatro anos. O tema foi livre, onde a intenção pedagógica era a experimentação de materiais. Apresentei a ela a materialidade disponível. A segunda atividade foi realizada com o Miguel, dez anos, desenvolvendo procedimento semelhante.

Resultados e discussão

Lara, na primeira atividade escolheu a tinta guache, ela simplesmente movia o pincel para lados alternados, apenas formando garatujas (Figura 1). Para a criança “ver é crer” e o seu grafismo vai se desenvolvendo com base nas suas próprias observações, realizadas na ação gráfica (IAVELBERG, 2008).

Após, sugeri que utilizasse outros materiais como canetas hidrocor; percebi então que ela mostrou outro tipo de linguagem. Naquele momento ela tinha uma nova preocupação, a definição de formas (Fig. 2, 3 e 4). Durante todas as atividades, ela narrava histórias e o próprio desenho, conforme o processo gráfico.





Figura 1 – Movimentação na pintura

Figura 2 – Definindo formas



Figura 3



Figura 4

Para o Miguel propus uma atividade inicial de criação. Perguntei o que ele gostava de desenhar e ele respondeu que só sabia desenhar a partir de uma imagem preexistente, que não conseguia desenhar a partir da imaginação. Desta forma, concordo com Lowenfeld e Brittain, quando afirmam que “[...] onde quer que ouçamos uma criança dizer “não sei desenhar isto”, podemos estar seguros de que em sua vida existiu algum tipo de interferência” (IAVELBERG, 2008).

Assim, o primeiro desenho realizado surgiu a partir de uma forma preexistente, o personagem *Pou*, um animal de estimação virtual. Notei que ele demorou a concluir o desenho e utilizou várias vezes a borracha (Fig. 5). Depois sugeri que ele fizesse o mesmo desenho, só que a partir da imaginação e memória, ele aceitou. Ele concluiu rapidamente esse desenho e não utilizou a borracha (Fig. 6). No final, ele disse que havia gostado mais do segundo e optou por colorir somente este (Fig. 7). As outras atividades foram com tinta guache, ele fez experimentações com diferentes materiais. Fez testes escrevendo a letra do nome dele (Fig. 8); depois desenhou e pintou o personagem *Pou*. Ainda que ele tentasse repetir a mesma forma, percebi que nesta experiência ele conseguira criar, despreocupando-se da reprodução óbvia das formas. Conforme aponta Derdyk (1989, p. 64), “[a] criança em um determinado momento percebe que tudo que está depositado no papel partiu dela. Não lhe foi dado, foi inventado por ela mesma. Inaugura-se o terreno da criação”.



Figura 5 – Imagem preexistente



Figura 6 – Imaginação



Figura 7 – Desenho



Figura 8 – Experimentação

Conclusão

Nas atividades com a Lara pude perceber que as garatujas realizadas com tinta, tinham a intenção de experimentação dos materiais e na própria ação, sem preocupação em representar formas. Depois na atividade com caneta hidrocor, a intenção era desenhar fechando formas; narrar uma história e depois desenhar, ou vice-versa. Assim, penso, segundo Lavelberg (2008) que Lara está na transição das fases da Ação para a Imaginação I. Na primeira, o foco é na ação, os desenhos são garatujas com linhas desordenadas; na segunda, o desenho é simbólico, onde as formas são nomeadas, trazendo elementos do mundo real e imaginário para a ação.

Quanto ao Miguel, notei que ele tinha uma preocupação na hora de desenhar, pois acreditava que o desenho deveria ser igual a imagem preexistente. Ele se



mostrou inseguro no momento em que pedi que desenhasse a partir da imaginação, mas depois que viu o resultado ficou confiante. Assim, percebo que ele está na fase da Apropriação, na qual ele apresenta um domínio de espaço, formas, composição e aproximação de modelos de imagens existentes.

O presente estudo viabilizou uma melhor compreensão do universo gráfico infantil e do mundo particular de cada criança, no qual pude compreender melhor as características individuais de cada fase. Essa pesquisa abriu um novo universo de questões a serem refletidas e possivelmente pesquisadas. Como futura professora de Artes Visuais e neste momento, atuando como bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência - Pibid, no subprojeto Artes Visuais, as vivências obtidas me oportunizaram experiências enriquecedoras e desafiantes, no sentido de desenvolver metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem para alunos do Ensino Fundamental.

Referências

BARRETO, Leandra. *Desenvolvimento motor e alfabetização*. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_69502/artigo_sobre_desenvolvimento_motor-e-alfabetizaao> Acesso: 15 jun. 2014.

DERDYK, Edith. *Formas de Pensar o Desenho*. Desenvolvimento do Grafismo Infantil. ZOUK: Porto Alegre, 4 ed., 2010.

IAVELBERG, Rosa. *O desenho cultivado da criança, prática e formação de educador*. ZOUK: Porto Alegre, 2 ed., 2008.